



## A PRÁTICA DOCENTE E A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Maria da Paz Cavalcante  
Diane Batista Leite  
Emanuela da Silva Pinheiro  
Wilca Maria de Oliveira

*Maria da Paz Cavalcante – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: mariadapazc@yahoo.com.br*

*Diane Batista Leite – Escola Estadual Coronel Fernandes. E-mail: diane.italo@gmail.com*

*Emanuela da Silva Pinheiro - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: manuelapinheiro2@hotmail.com*

*Wilca Maria de Oliveira. – Escola Estadual Coronel Fernandes. E-mail: wilcaanaceto@hotmail.com*

### Resumo

O trabalho discute sobre a prática docente numa relação com a educação das relações étnico-raciais. Objetiva refletir sobre um processo de formação, de uma professora de História, articulado à discussões acerca da educação das relações étnico-raciais. Optou-se pela pesquisa colaborativa e se empregou como procedimento a observação reflexiva. A partir do conteúdo do vídeo *TED: o perigo de uma história única* (2009) de Chimamanda Ngozi Adichie, ocorreu uma reflexão sobre o ensino de História como espaço de reconhecimento de diferentes culturas e de valorização e respeito pela cultura do outro, no fortalecimento das relações étnico-raciais. Cultivando sentimentos de ser, saber e saber-fazer na profissão, averiguamos que a professora expressa mudanças que vêm ocorrendo na sua prática de modo a possibilitar ao aluno o acesso a múltiplas histórias e à interpretações críticas sobre elas. Para isso, a docente destacou a relevância de diversas fontes para fundamentar o ensino-aprendizagem e um ensino que problematize as contribuições dos diversos atores sociais, de diferentes origens étnicas e culturais. As reflexões apresentadas podem contribuir na ressignificação da prática docente de professores de história, convergindo para o desenvolvimento de conhecimentos que os capacite, cada vez mais, a intervir na realidade, refletir e repensar a sua atuação e se reconstruir como profissional e cidadão.

Palavras-chave: Prática docente, relações étnico-raciais, ensino de história.

## Introdução

Discutir relações sociais, pedagógicas e étnicas em processo de formação docente, implica considerar a prática exercida pelo professor no interior da escola e valorizar as contribuições históricas e culturais dos diversos atores que compõem a sociedade.

No que se refere à uma atenção quanto à educação das relações étnico-raciais, produções como as de Candau (2003), Fernandes (2007), Bittencourt (2007), Munanga (2005, 1988), entre outras, ao lado das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2004) e da Lei 11.645/2008 – que determina a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena na Educação Básica – sinalizam para uma perspectivas de ensino-aprendizagem que se debruce sobre a história e a memória, auxiliando o aluno no desenvolvimento de sua consciência crítica e de atitudes de reconhecimento da diversidade e inclusão social.

Pesquisas no campo do ensino de História vêm se preocupando na constituição de uma reflexão sobre os fundamentos de um ensino que considere os usos sociais do passado e as aprendizagens que ocorrem na escola e para além dela. (AZAMBUJA; SCHMIDT, 2011; BARCA, 2005; BITTENCOURT, 2009; CAVALCANTE, 2010, 2014; CHAVES, 2006; CERRI, 2011; GEVAERD, 2011; LEE, 2001; SCHMIDT, 2011; MAGALHÃES; et al, 2014.). Há uma atenção para com a necessidade de novas formas de aprendizagem mais complexas que permitam ao aluno a aquisição de determinados conhecimentos, mas também, que estes tenham significados para a sua vida política e social.

Com a intensificação da globalização da economia, do desenvolvimento da ciência e das tecnologias da informação e comunicação – na segunda metade do século XX e, mais especificamente, nas últimas décadas – a relação dos adolescentes e jovens com a escola mudou. Eles aprendem por meio de jogos, de atividades de descobertas, concedem atenção ao professor por curtos intervalos de tempo, demonstram comportamentos ativos, reconhecem a escola como um dos interesses, entre tantos outros.

O uso das tecnologias digitais vem influenciando o modo de pensarem a vida em sociedade. Veen e Wraeking (2009) denominam essa geração de *Homo zappiens*, àqueles que atuam em uma cultura cibernética global com base na multimídia (entre outros aspectos). E acrescentam que essa geração “filtra as informações e aprende a fazer seus conceitos em redes de amigos/parceiros com quem se comunica com frequência”. (VEEN; WRAKING, 2009, p. 30). É preciso, todavia, que compreendam que, ao

estarem inseridos na história e na cultura, são produtores de história e de cultura; que concebam a sua juventude como uma categoria social que não precisa ser aligeirada em nome da modernidade e do seu desejo de futuro.

Nesse sentido, o problema da relação teoria e prática exige o estabelecimento de uma multiplicidade de relações, interagindo dialeticamente, em cujo processo os discentes elaborem ideias históricas – relacionadas com a qualidade das situações de aprendizagem. Isso demanda do professor uma reflexão constante acerca de sua própria atuação e, no caso do professor de História, uma proposição de ensino que propicie análises dos fatos históricos em diversas temporalidades e contribua para garantir a igualdade das diversas etnias e fortalecimento da cidadania e da democracia.

Atinente à reflexão do professor sobre a sua própria atuação, a adoção de práticas de investigação pelo docente, de modo a fornecer meios de um pensamento autônomo e de um trabalho crítico e reflexivo sobre essa prática, tem sido pontuado na literatura a exemplo de Nóvoa (1992), Elliot (1998), Nuñez e Ramalho (2005), Pimenta (2007), Ramalho, Nuñez e Gauthier (2004), dentre outros.

Consolidam-se e divulgam-se em encontros e publicações, os conhecimentos produzidos com base em pesquisas de especialistas dessa área, ao mesmo tempo em que se reformulam currículos, a exemplo da Base Nacional Comum Curricular. Entretanto, apesar do avanço teórico e de proposições implementadas, as práticas docentes ainda não têm se alterado significativamente, no sentido da construção de uma escola de qualidade em um contexto multicultural, multiétnico, plural, diverso.

Considerando o exposto, como contribuição de parte dos resultados de uma pesquisa colaborativa, com o seu caráter de intervenção na prática docente, objetivamos refletir sobre um processo de formação, de uma professora de História, articulado à discussões acerca da educação das relações étnico-raciais.

### **Prática docente e ensino de História**

A complexidade das práticas profissionais, que enfrentam situações problemáticas, que o profissional quer compreender e que são em parte produto de sua intervenção, requer processos de reflexão e ação que não podem ser entendidas como um simples mecanismo de aplicação de técnicas.

A reflexão sobre a prática se constitui em uma oportunidade do educador repensar o seu papel e questões que demandam atitudes reflexivas e a elaboração de novas atuações – como produto de uma nova discussão acerca de problemas que se manifestam. Pois, a prática docente é expressão do saber pedagógico construído e fonte do seu desenvolvimento (AZZI, 2007).

Fonseca e Couto (2008, p. 110), ao discorrerem sobre a formação de professores de História, defendem que a formação “implica a permanente reconstrução dos saberes e das práticas docentes”. Tuma (2008), por sua vez, ao tratar sobre o processo de formação desses professores enfatiza o reconhecimento daquilo que os docentes entendem por história e as repercussões desse entendimento no processo ensino-aprendizagem

O professor tem a sala de aula como um espaço privilegiado de decisões, de forma mais imediata, de sua prática docente. E, nos limites de sua autonomia, atua direcionando, juntamente com seus educandos, a dinâmica do processo ensino-aprendizagem. Possibilitar, aos discentes apreenderem múltiplas histórias é uma das pretensões educativas que se consegue como produtos temporais de aprendizagem.

Compartilhamos com Thompson (2001, p. 238) que a disciplina história “é uma disciplina do contexto e do progresso [...] e, quando as estruturas mudam, as formas antigas podem expressar funções novas e as funções antigas podem encontrar sua expressão em formas novas”. A dinamicidade e o movimento, característico dessa área, reforça a necessidade de um ensino e de uma prática docente capazes de gerar contradições para descortinar projetos construídos no percurso da constituição histórica dessa disciplina. Assim, intensifica o sentido e a ideia do professor como pesquisador de sua própria prática.

Ao vivermos um tempo marcado pela diversidade e complexidade socioculturais, vivenciamos mudanças variadas, nos mais diversos setores da sociedade, de modo que as marcas das diferenças de classe, etnia, nacionalidade, dentre outras, intensificam-se. Refletirmos sobre o ensino de História em um processo de formação docente nos conduz a pensar a construção de maneiras de ser e de estar na profissão; de respeitar a diversidade sociocultural que caracterizam as sociedades contemporâneas e de assumir a tarefa de:

Propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. (FREIRE, 1996, p. 46).

Desse modo, ensinar e aprender se entrelaçam na prática docente como um movimento que às vezes desafina porque dialoga, (in)forma sujeitos. Considerando o docente como alguém que pensa sua prática e a constrói, Nuñez e Ramalho (2005, p. 101) dizem que a formação de professores não é somente um problema de apropriação e sim “[...] um processo de pensar em intervir na prática tomando como base diversas referências, entre elas, os conhecimentos produzidos pelas áreas científicas disciplinares e os saberes que os professores constroem e socializam nas suas práticas”.

Nesse sentido, aliar pesquisa e reflexão sobre a prática docente (em processo de formação docente) representa uma alternativa para tornar mais expressivo o papel do professor nos processos de construção de saberes e de fazeres de sua profissão.

### **O processo metodológico da investigação**

O desdobramento de nossa pesquisa, como parte do desenvolvimento profissional e melhoria da prática docente, ocorreu da seguinte maneira: atuamos com a pesquisa colaborativa a qual defende uma reflexão crítica sobre a realidade objetiva da formação do (a) professor (a), da realidade da escola e da sala de aula, tendo em vista mudanças e transformações. Ela foi desenvolvida em uma escola pública, localizada no interior do Estado do Rio Grande do Norte, que oferta os ensinos Fundamental e Médio. As partícipes da investigação, para as quais utilizaremos codinomes, são: uma professora de História (Diva) que atua no Ensino Médio e uma bolsista (Isis), aluna do curso de Pedagogia.

Como procedimento, utilizamos a observação reflexiva, que ocorreu por meio de um processo cíclico e sistemático de reflexão na e sobre a prática docente, e usamos como recursos o diário de campo e o gravador digital para registrar o desenvolvimento do processo formativo com as partícipes.

Dentre as várias ações executadas, trataremos de um momento de formação teórica, que ocorreu no dia 13 de maio de 2015, no qual discutimos sobre a história no ensino de História. Para isso, utilizamo-nos de um vídeo denominado TED: o perigo de uma história única (2009) de uma escritora nigeriana, chamada de Chimamanda Ngozi Adichie.

### **Um processo de formação docente e as relações étnico-raciais**

Antes da exibição do vídeo mencionado, enfocamos (pesquisadora) a sua autoria e do que ele trata. Dissemos que Adichie, alerta-nos sobre os perigos de enveredarmos ou de nos deixar convencer por uma única versão da história e nos oferece exemplos de histórias contadas sobre o povo africano; considerado (muitas vezes) como seres primitivos e sem cultura erudita.

Após a exibição, pedimos que as partícipes se pronunciassem. Diva expressou:

Que consequências têm o preconceito racial? Quando a gente começa a estudar o negro, a história do negro africano, a gente termina se apaixonando porque é um povo sofrido mas, que continua lutando... E cabe a nós professores, fazer esse trabalho, de tentar esclarecer essa nova geração, que não é uma cor de pele, branco, amarelo, preto que vai dizer quem é você.

Isis, por sua vez falou:

A história ela vai sendo criada... De tanto a pessoa falar que a África só tem doença, etc. a gente acaba acreditando e levando em conta a discriminação com relação aos negros; deixando de conhecer o outro lado da história da África; outros lugares bonitos, riquezas...

Diva destacou o preconceito racial e a história dos africanos e nos lembrou o papel do professor na luta contra o preconceito. Esse processo de trabalhar as raízes culturais, as lutas dos negros na história do Brasil, colabora para a compreensão da significação dessas lutas e correção de lacunas, acerca da formação da história nacional que permitiram estigmas e estereótipos em relação a negros e, também, indígenas.

Isis, concordando com Diva, destacou que a história, vai sendo criada e que de tanto a gente ouvir uma história única passa a acreditar nela. E no caso dos negros, chegado à discriminação. Tal situação impossibilita o conhecimento de uma história africana de riquezas (como a cultural) e beleza (do continente africano).

A luta no campo educacional inclui a abertura de espaços para que a diversidade de histórias possibilite um diálogo e enriquecimento entre diferentes culturas, condição fundamental para o fortalecimento da democracia.

A prática docente envolve relações sociais, históricas e culturais constitutivas de processos identitários de professores, de alunos e todos os envolvidos na ação educativa. Assim, essa prática tem implicações na constituição da ética, da estética, da pesquisa e da crítica.

Nessa direção, Diva expressou:

A própria história do Brasil, a chegada dos portugueses aqui, a gente tem se empenhado, se preocupado em discutir quais são os principais donos da terra. A história foi escrita para valorizar os que chegaram aqui. A palavra descobrimento tem a ver com quê? Tomar posse tem a ver com o quê? Mostrar a importância do índio e como foram exterminados. Hoje a gente já ver uma certa mudança. Tem oportunidade, se tiver interesse de pesquisar em várias fontes, de ver vários pensamentos sobre um determinado assunto. [...]. Tem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

A docente, referindo-se à chegada dos portugueses no Brasil, utiliza-se de questionamentos para expressar que desenvolve o ensino oportunizando o aluno a refletir os acontecimentos da história de forma crítica.

Ao nos apresentar possibilidades de mudança, quanto a não construirmos uma história única, enfoca a oportunidade de pesquisar em variadas fontes e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2004).

Esse documento, no seu Art. 4º reza que:

Os sistemas e os estabelecimentos de ensino poderão estabelecer canais de comunicação com grupos do Movimento Negro, grupos culturais negros, instituições formadoras de professores, núcleos de estudos e pesquisas, como os Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros, com a finalidade de buscar subsídios e trocar experiências para planos institucionais, planos pedagógicos e projetos de ensino.

Nessa direção, um processo de reflexão sobre a prática docente sinaliza para uma ampliação das determinações das diretrizes oficiais, no sentido de formar um professor aberto ao novo e para formas engajadas de organizar a docência na educação básica. A efetivação do ensino de História, considerando as orientações legais, auxilia no resgate das contribuições históricas e culturais e na transformação do próprio ensino de história – não somente rompendo práticas homogêneas, mas também criando novas práticas. A atuação dos docentes nesse cenário é fundamental, como podemos perceber nessa expressão de Diva:

Sobre a construção da figura do herói, toda vez é aquela discussão... O que eu sempre trabalho em sala é não aceitar a construção da figura de um herói. Tudo é feito em grupo. Por que colocar só fulano? O aluno precisa

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

[www.sinafro2018.com.br](http://www.sinafro2018.com.br)

entender que em história, nada se faz sozinho... A gente ensina para a vida, formando cidadão.

Ao expor como desenvolve suas aulas, a professora destacou como possibilidade a desconstrução de uma visão distorcida das contribuições dos diversos grupos na composição da história. O que converge para uma reflexão acerca da origem e da diversidade cultural brasileira, das contribuições de negros e indígenas e seus descendentes, oportunizando um processo de conscientização pelo educando e valorização da cultura do outro, em um ambiente de inclusão social.

O professor, no exercício de sua prática, imprime suas influências, enquanto media o conhecimento sistematizado pela humanidade. Atinge jovens que trazem características dos seus grupos sociais, manifestações da pluralidade humana como, também, recebe deles influências. Essa prática parte do respeito às diversidades com vistas ao direito à aprendizagem do educando. Possibilitar que este se conscientize da diversidade cultural de nossa sociedade, tenha acesso ao conhecimento acerca de várias histórias e não a uma história única, implica não deixar de considerar as relações de poder que se encontram envolvidas na constituição dessa diversidade e das histórias construídas e em construção.

Os nossos livros didáticos de história tentaram, durante vários anos, legitimar a criação de uma história única. Quando, ao contrário, são as múltiplas histórias que ajudam no nosso processo de humanização, no fortalecimento da nossa dignidade, na construção de identidades socioculturais e elevação do nível de consciência de educadores e educandos.

### **Considerações finais**

Ao refletimos sobre a prática docente, contemplando discussões acerca da educação das relações étnico-raciais, constatamos que a professora expressa mudanças que vêm ocorrendo na sua prática de modo a possibilitar ao aluno o acesso a múltiplas histórias e à interpretações críticas sobre elas. Para isso, a docente destacou a relevância de diversas fontes para fundamentar o ensino-aprendizagem e um ensino que problematize as contribuições dos diversos atores sociais, de diferentes origens étnicas e culturais.

A escola tem uma elevada responsabilidade nos processos de mudanças educacionais e de inclusão social. Refletir, problematizar e combater práticas discriminatórias e racistas são elementos que convergem para uma educação das relações étnico-raciais. O enfrentamento de visões homogeneizantes em processos

formativos, tanto de professores como de alunos, estimulam a (re)formulação de políticas educacionais que traduzam a diversidade e a pluralidade presente no contexto social. Nesse cenário, a formação e o desenvolvimento profissional docente se destacam, não somente como construção de conhecimentos teóricos pensados para o desdobramento da prática, também, como um processo de reflexão no sentido de intervir na prática tendo por base teorias produzidas e saberes construídos e socializados pelos docentes.

O que se espera de um processo de formação permanente com esses profissionais – na relação com a sua prática – é a busca de respostas plurais em que as diferenças e desigualdades sejam permanentemente questionadas.

### Referências

AZZI, S. Trabalho docente: autonomia didática e construção do saber pedagógico. In: PIMENTA, S. G. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 35-60.

AZAMBUJA, L.; SCHMIDT, M. A. “Aprendi a pensar que música também é história”: perspectivas da educação histórica. In: BARCA, I. (Org.). **Educação e consciência histórica na era da globalização**. Centro de Investigação em Educação, Instituto de Educação, Universidade do Minho. Braga, 2011. p. 201-222.

BARCA, I. Educação histórica: uma nova área de investigação? In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES DE ENSINO DE HISTÓRIA, 6., 2005, Londrina. **Anais...** Londrina: Atrito Art, 2005. p. 15-25.

BITTENCOURT, C. M. (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_. Identidades e Ensino de História no Brasil. In: CARRETEIRO, M. et al (Org.). **Ensino de história e memória coletiva**. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 33-52.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: CNE/CP, 2004.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 11.645, de 10 março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Brasília, 2008.

CANAU, V. M. (Org.). **Somos todos iguais?** Escola, discriminação e educação em direitos humanos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CAVALCANTE, M. P. **A história escolar e a teoria da atividade**: relações e possibilidades formativas no ensinar e aprender. 2010. 135 p.



Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

\_\_\_\_\_. **Ensinar e aprender história na relação dialética entre interpretação e consciência histórica.** 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

CHAVES, F. R. C. **A significância de personagens históricas na perspectiva de alunos portugueses e brasileiros.** 2006. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Minho, Braga, 2006.

CERRI, L. F.; MOLAR, J. O. Jovens diante da história: o nacional e o internacional na América Latina. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 5, n. 2, p. 161-171, jul./dez. 2010. em: <<http://www.periodicos.uepg.br>>. Acesso em: 7 jun. 2011.

ELLIOT, J. Recolocando a pesquisa ação em seu lugar original e próprio. In: PEREIRA, A. E. (Org.). **Cartografia do trabalho docente: professor (a)-pesquisador (a).** Campinas, SP: Mercado de Letras do Brasil, ALB, 1998. p. 137-152.

FERNANDES, F. **O negro no mundo dos brancos.** São Paulo: Global, 2007.

FONSECA, S. G.; COUTO, R. C. A formação de professores no Brasil: perspectivas desafiadoras do nosso tempo. In: FONSECA, S. G.; ZAMBONI, E. (Org.). **Espaços de formação do professor de história.** Campinas, SP: Papyrus, 2008. p. 101-130.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GEVAERD, R. A ideia de escravidão: da narrativa do manual didático às narrativas produzidas pelos alunos. In: BARCA, I. (Org.). **Educação e consciência histórica na era da globalização.** Centro de Investigação em Educação, Instituto de Educação, Universidade do Minho. Braga, 2011. p. 159-177.

LEE, P. Progressão da compreensão dos alunos em História. In: BARCA, I (Org.). **Perspectivas em educação histórica. JORNADAS INTERNACIONAIS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA**, 1., 2001, Braga. **Actas...** Braga: UM, 2001 p. 13-27.

MAGALHÃES, M. et al. (Org.). **Ensino de história: usos do passado, memória e mídia.** Rio de Janeiro: FGV, 2014.

MUNANGA, K. (Org.). **Superando o racismo na escola.** 2. ed. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

\_\_\_\_\_. **Negritude: usos e sentidos.** 2. ed. São Paulo: Ática, 1988.

NÓVOA, A. (Org.) **Os professores e sua formação.** Lisboa: Dom Quixote, 1992.

NUÑEZ, I. B.; RAMALHO, B. L. A pesquisa como recurso da formação e da construção de uma identidade docente: notas para uma discussão inicial. **Eccos**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 87-111, jun. 2005.



PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 15-34.

RAMALHO, B. L.; NUÑEZ, I. B.; GAUTHIER, C. **Formar o professor, profissionalizar o ensino**: perspectivas e desafios. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

SCHMIDT, M. A. M. S.; GARCIA, T. M. F. B. **Investigando para ensinar história: contribuições de uma pesquisa em colaboração**. 2004. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt04/t045.pdf>>. Acesso em: 7 jun. 2011.

TED – O Perigo de uma história única. Direção de dublagem Christiano Torreão. Oxford england, jul. 2009. Versão brasileira eclipse. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qDovHZVdyVQ>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

THOMPSON, E. P. Folclore, antropologia e história social. In: NEGRO, A. L.; SILVA, S. (Org.). **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas, SP: Unicamp, 2001.

TUMA, M. M. P. A formação de professores e o ensino de história: da aparente homogeneidade à singularidade dos conhecimentos de professoras de séries iniciais. In: FONSECA, S. G.; ZAMBONI, E. (Org.). **Espaços de formação do professor de história**. Campinas, SP: Papyrus, 2008. p. 185-216.

VEEN, W.; WRAKING, B. **Homo zappiens**: educando na era digital. Porto Alegre: Artmed, 2009.